

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Livro de Minas Class.: 183

Data: 23/09/88 Pg.: _____



Texto de Agostinho Santos
Fotos de Fábio Villas

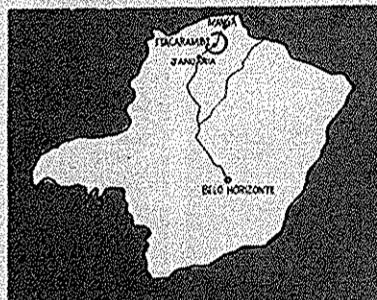
Na madrugada de 12 de fevereiro de 1987, os grileiros Francisco de Assis Amaro, Germano Gonçalves da Silva, Roberto Freire de Alkimim,

Xakriabá, a hora da justiça (II)

Grileiros invadem reserva e matam cacique e índios em tocaia armada

Claudiomiro de Oliveira Vidoca e Sebastião de Oliveira Vidoca invadiram a reserva dos índios Xakriabá, em Itacarambi, Norte de Minas, a 800 km de Belo Horizonte — para matar a tiros o cacique Rosalino Gomes de Oliveira e os índios Manoel Fiúza da Silva e José Pereira.

O crime, com destaque na imprensa mineira e nacional, a



princípio estava relacionado a uma vingança do fazendeiro Francisco Amaro contra o cacique Rosalino, pela morte de um sobrinho do fazendeiro em outro ataque ocorrido meses antes da chacina. Acionada a Polícia Federal, por estarem os índios sob tutela da União, teve início o inquérito para apontar a verdadeira causa do crime.

Conselho Indigenista já havia alertado

O Conselho Indigenista Missionário — Cimi — através de seu coordenador regional, Fábio Alves dos Santos, já havia alertado as autoridades, e a própria Polícia Federal, sobre o clima de tensão existente na região, motivado pela disputa por grileiros das terras da reserva dos Xakriabás. A reserva foi demarcada pela Funai em 79 e homologada oito anos após.

Segundo informações do Cimi haviam vários posseiros instalados dentro da reserva, que eram aceitos pelos índios, mas a "ganância dos grileiros pelas terras acirrava o ânimo destes posseiros, provocando atritos com os Xakriabás". Ainda de acordo com o CIMI, os posseiros, indispostos com os índios, abandonavam as terras e os grileiros se apoderavam delas, vendendo-as tempos depois pa-

ra grandes fazendeiros, que ampliavam suas propriedades.

Para presidir o inquérito da Polícia Federal, foi designado o delegado Agílio Monteiro Filho, que, acompanhado por vários policiais, foi para Itacarambi ouvir testemunhas e acusados. O delegado passou uma semana na reserva dos Xakriabás e após ouvir o relato das testemunhas, indiciou o fazendeiro e grileiro Francisco Assis Amaro, como mandante e participante da chacina. Além dele foram indiciados Germano Gonçalves da Silva, Roberto Freire de Alkimim, Claudiomiro de Oliveira Vidoca e Sebastião Oliveira Vidoca, acusados de participação direta.

Ouvido pelo delegado Monteiro, Francisco Amaro confirmou sua participação na chacina, negando depois no interrogatório — realizado pelo Juiz Federal designado para o caso, Eustáquio Nunes Silveira — devidamente instruído por seu advogado Ariosvaldo Campos Pires.

A tocaia preparada

Segundo relatos do inquérito, um grupo de cerca de 15 homens entrou na reserva Xakriabá, usando um caminhão F.2000, deixado estacionado 2 km antes da aldeia Sapé, onde morava Rosalino e sua família. O grupo seguiu a pé até a aldeia. Para que não



Nas festas na reserva, Rosalino, o cacique, sempre presente

houvesse como Rosalino escapar, eles se dividiram em dois grupos: um atacou pela porta da frente da casa e outro pelos fundos. Rosalino foi morto dormindo, assim como o índio José Pereira, que dormia na casa, e Anísia, mulher de Rosalino saiu ferida com um tiro no braço. No ouvir o tiroteio, o índio Manoel Fiúza da Silva saiu correndo de casa e foi morto a tiros, por Francisco Amaro, que o esperava encostado em uma porteira.

Outros homens também atiraram contra Manoel, que recebeu ainda uma facada no pescoço.

O que os assassinos não contavam era com uma baixa no grupo: o posseiro Agenor Nunes Macedo foi apanhado no fogo cruzado e morreu no local, sendo abandonado pelo grupo, que se embrenhou na mata e voltou até onde estava o caminhão, fugindo.



Anísia, a viúva de Rosalino

Testemunha e prisão

Uma testemunha ouvida no inquérito disse o que se encontrou com Francisco Amaro na noite do crime. Ele lhe disse que havia ocorrido, que iria para o sul da Bahia e que retornaria 20 dias depois para se apresentar à Polícia. Ao contrário do que esperava, Francisco Amaro teve sua prisão preventiva decretada e foi preso pela Polícia Federal e trazido para as celas do órgão em Belo Horizonte, junto com os outros quatro indiciados. O fazendeiro foi preso no

centro da cidade de Manga, e os outros em Itacarambi.

Os cinco serão julgados por crime de genocídio, crime previsto em tratado internacional, assinado pelo Brasil em 86. O crime consiste em extermínio de um grupo étnico, que esteja sob tutela do Estado. Será a primeira vez que este tipo de crime é julgado no País, e o primeiro processo federal a ser julgado em Minas Gerais. O julgamento está marcado para o dia 26, às 9 horas no Primeiro Tribunal do Júri do Fórum Lafaiete.

Blitz prende 2 arrombadores: um anuncia que volta a roubar

Durante uma blitz na favela São José, foram presos os arrombadores Amarildo Simplício dos Reis e Geraldo Francisco da Silva, que vinham atuando em Belo Horizonte, Governador Valadares e Teófilo Otoni. Até o momento já foram apurados oito arrombamentos praticados por eles e apreendidos aparelhos de TV e de som, além de armas.

O delegado Borges, da Seccional Oeste, pediu a prisão preventiva de Amarildo Simplício dos Reis, 22 anos.

Ele ameaçou voltar a roubar após sair da cadeia pois, segundo ele, não tem encontrado emprego para se manter. O delegado pretende também pedir uma preventiva para Geraldo Francisco da Silva, de 21 anos, que participou de todos os arrombamentos praticados por Amarildo. A equipe chefiada pelo inspetor Osvaldo, composta pelos detetives Desidério, Willian e Walter, continua fazendo levantamentos de todos os roubos praticados por eles em Belo Horizonte.